

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão**: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

**FALSO MORALISMO: ADULTÉRIO DE DONA ESTELA E AS LAMÚRIAS
DE MIRANDA**

Janicleide Noberto Machado

Graduanda em História – UFCG/CFP

janicleidemachado@hotmail.com

Aline Moura de Souza

Graduanda em História – UFCG/CFP

alinemour2@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o falso moralismo expresso na figura de Dona Estela, personagem do livro *O cortiço* de Aluísio de Azevedo, a partir da sua relação matrimonial de amor e ódio com Miranda, mantida apenas pelo renome social e econômico da esposa, que, por sua vez era considerada guardadora da moral e dos bons costumes vigentes na época, mas, traía o marido frequentemente. Serão utilizadas as contribuições de Oliveira (2007) e Samara (1995) para embasamento teórico acerca do adultério feminino nos séculos XVIII e XIX e nos valeremos de Pesavento (2003) e Junior (2010) para abordar a relação História e Literatura, contextualizando a modernização do período republicano com as mudanças ocorridas no cortiço após o incêndio e evocando a ideia que as mentalidades não se modificaram na mesma intensidade, pois, como o casamento de Dona Estela ocorreu por interesses, a união de sua filha Zulmirinha à João Romão também aconteceria por tal intuito.

Palavras-chave: Adultério; História; Literatura.

INTRODUÇÃO

A historiografia passou por diversas modificações ao longo dos séculos XIX e XX ganhando novas abordagens, e com a ascensão dos Anales modificam-se os modos de pensar a História, as fontes e as formas de escrever, ocorrendo um alargamento do campo

histórico, tornam-se possíveis como fontes: a música, a dança, os costumes, entre outros e nesse meio a literatura se configura também como tal.

Com a superação da escola Metódica temas que não eram da alçada da História passam a serem abordados pela mesma e:

Neste diversificado e complexo universo, a literatura acabou fixando-se como uma fonte altamente produtiva, pois permite aos pesquisadores da cultura - em geral- e aos historiadores - em especial – adentrarem em um universo amplo e repleto de significações/representações, pois como a incorporação deste tipo de artefato na produção historiográfica, passamos a considerar ‘novas maneiras de pensar história’ e questionar antigos padrões e verdades históricas pré-estabelecidas. (JUNIOR, 2010)

A literatura como fonte torna-se um recurso muito importante para ser analisado à medida que fornece muitos elementos característicos de uma sociedade e de uma época, contribuindo significativamente para o estudo da cultura em que se inscreve, exemplo este é a obra de Azevedo, pois “a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições socioculturais onde esta é construída” (JUNIOR, 2010).

E neste contexto História e Literatura se apresentam como narrativas produzidas a partir de fatos vivenciados na realidade, porém, antes da ampliação do conceito de fonte histórica por intermédio da Escola dos Annales na década de 90, como fora descrito acima, a Literatura por estar atrelada ao ficcional era taxada como falsa e impassível de ser utilizada na historiografia, desse modo, só passou a ser objeto de estudo da História a partir do surgimento da Nova História Cultural que trouxe consigo os atores sociais excluídos e começou a pensar o universo sensível das coisas se debruçando sobre os personagens dos textos literários para entender a vida privada que desfrutavam e a sociedade na qual estavam inseridos.

Mas, cabe ressaltar que a ficção não representa a realidade tal qual aconteceu, nem a narrativa histórica consegue fazer isso, apenas deixa “pistas” sobre como ela poderia ter sido, cabendo ao historiador encontrá-las e “encaixar” os fatos formando seu próprio discurso acerca do ocorrido, como reforça Junior (2010), parafraseando Sevcenko (2003):

A narrativa literária cria a possibilidade do *vir a acontecer*, dos sonhos que revelam outro cotidiano que não apenas o dos vencedores, fazendo alusão a sujeitos que reelaboram sua prática social e os transforma em realizadores de sua própria história, permitindo, finalmente, o conhecimento de uma realidade que não apenas a sacralizada pela história dos vencedores.

Assim, tendo em vista que a literatura busca mostrar por um ponto de vista mais leve e romantizado como ocorreram certas experiências do cotidiano, podemos afirmar que a obra de Aluizio Azevedo possui forte ligação com um momento vivenciado no decorrer do período republicano da história do Brasil, em virtude da “limpeza geral” do casarão para comportar a família de Miranda e o posterior incêndio no cortiço que, por sua vez, gerou um novo núcleo habitacional decorrente da sua modernização estão intrinsecamente ligados à expulsão em massa dos pobres por conta da reurbanização proposta pelo Governo de Rodrigo Alves.

Neste ínterim, o romance naturalista *O cortiço* mostra-se para a pesquisa histórica como possibilidade de entender os meandros das vivências daqueles que foram desprezados pela sociedade burguesa que estava se formando na capital Rio de Janeiro em consonância ao período republicano, contudo, cabe esclarecer que tanto os habitantes do cortiço como o próprio Miranda são vistos como marginalizados, pois, apesar de tornar-se um representante nato da família tradicional de acordo com os padrões vigentes da época, este último se enquadra no termo por não pertencer a uma linhagem nativa tradicional e não possuir nenhum título importante, adquirindo seu renome somente pelo casamento com Dona Estela.

Além disso, como a zoomorfização é característica do naturalismo, o enredo visa ressaltar o lado animalesco de cada personagem, expondo as mulheres como a pior das espécies, sedutoras de homens que não conseguem controlar seus instintos selvagens e acabam cedendo às paixões libertinas da vida, entretanto, não tem culpa alguma dos seus atos porque foram enfeitiçados pelas cobras vestidas de mulheres, comprovando dessa forma a premissa que o meio e as pessoas presentes nele podem influenciar e/ou modificar os hábitos de outrem.

Ainda que a personagem Dona Estela atue como retrato da burguesia carioca “pura”, ela destoa como menos comentada na obra, pois, além das abordagens sobre as mulheres no período no qual a obra é ambientada tratá-las como coadjuvantes na História, sendo mencionadas somente para falar dos seus maridos e julgadas como responsáveis pelos atos pecaminosos do lar e pela honra e continuação de um sobrenome imaculado, o enfoque dado por Azevedo simplesmente não permite uma maior apreciação da sua figura, por isso, esta será trabalhada no presente artigo.

A FIGURA DE DONA ESTELA DIANTE DA SOCIEDADE: AMBIGUIDADES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Traição, infidelidade e adultério são temas que geram até hoje diversas reações e opiniões nas pessoas. Em diferentes momentos históricos e culturais podemos dizer que o ser humano vivenciou as três situações de formas diversas. Por ora foram socialmente aceitos, e em outros momentos, punidos e vistos como pecado. Mas existe um consenso com relação à reação frente à descoberta de uma traição, que é o fato de ser geradora de muito sofrimento, decepção e de um sentimento de condenação por parte de quem a descobre. (OLIVEIRA, 2007, p. 08)

No caso de Miranda e sua esposa a traição da mesma era encoberta e em outro momento socialmente aceita e Dona Estela despontava como a melhor das mulheres em público, o nome da sua família fulgurava grande poder na sociedade da época, portanto quando as notícias do seu “romance secreto” com Henrique, habitante temporário do casarão por ser filho de um amigo do Miranda e estar sem acomodações na capital para realizar seus estudos, chega ao conhecimento dos moradores do cortiço e se transforma no principal assunto das fofocas das lavadeiras daquele local, muitos se chocam com o assunto porque acreditavam na moralidade intocável exposta por aquela senhora, como podemos observar na seguinte passagem do livro:

Falou-se então largamente a respeito da família do Miranda, principalmente de Dona Estela e do Henrique. A Leocádia afiançou que, numa ocasião, espiando

por cima do muro, trepada num montão de garrafas vazias que havia no pátio do cortiço, vira a sirigaita com a cara agarrada à do estudante, aos beijos e aos abraços, que era obra; e assim que os dois deram fé que ela os espreitava, deitaram a fugir que nem cães apedrejados. A Augusta Carne-Mole benzeu-se, com uma invocação à Virgem Santíssima, e o companheiro do amigo da das Dores, que insistia no seu namoro com a Nenen, mostrou-se muito admirado com a notícia, “supunha Dona Estela um modelo de seriedade. (AZEVEDO, 2007 p. 45)

Por meio desse pequeno trecho observamos a ambiguidade que perpassa a vida pública e privada de Estela, quando estava ao lado do seu marido aparentava ser a mulher perfeita, encaixada nos padrões ditados no período como recatada e moralmente bem vista, porém, na sua vida particular apresentava outras características, pois, como podemos ver no referente parágrafo ela não estava satisfeita com seu casamento e não se importava nem um pouco com aquele que deveria ser seu companheiro.

Além do mais, também é importante destacar o fato da única pessoa a acreditar na seriedade dela e suspeitar da procedência dos boatos ser um homem, pois, de acordo com o padrão patriarcal o patamar atingido por Dona Estela ao trair seu marido deveria tornar todos os homens seus alvos potenciais, porém, ela se atenta a desigualdade de classes para manter sua imagem pública diante da sociedade e “escolher” suas traições.

O ADULTÉRIO E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA PRIVADA DE ESTELA

O adultério é um tema trabalhado por muitos autores da literatura, a exemplo de Machado de Assis e seu famoso romance *Dom Casmurro* no qual Bentinho desconfia ser traído por Capitu com seu amigo, todavia, no caso específico de Estela e Miranda a traição era confirmada e “consentida” pelo companheiro, mas, isso não deixava de gerar consequências no relacionamento e na vida pública de ambos.

Para tratar do adultério é preciso entendermos primeiramente o significado da palavra, segundo Castanha:

(...) “adultério”, é definido como sendo “violação, transgressão da regra de fidelidade conjugal imposta aos cônjuges pelo contrato matrimonial, cujo princípio consiste *em não se manter relações carnis com outrem fora do casamento*. E ao mesmo tempo é tido como “infidelidade estabelecida por relação carnal com outro (a) parceiro (a) que não o (a) companheiro (a) habitual”. (Grifo nosso)

Como explicado acima, em suma, o adultério está relacionado ao princípio carnal revelando, portanto, ligação direta com a situação problematizada na obra do Azevedo e nos alertando sobre a principal intenção da Estela enquanto transgressora da vida matrimonial.

No entanto, ao trabalhar com este tema durante o Império e início da República Samara (1995) aponta como um dos fatores para a efetivação do ato no caso das mulheres analisadas, elas se sentirem sozinhas quando das viagens dos seus companheiros e aproveitarem dessas saídas para realizar encontros amorosos, configurando esses momentos somente como meras distrações, tal como Dona Estela utiliza dos seus casos extra conjugais para distrair-se da ideia de estar inserida numa relação baseada numa troca de favores construída simplesmente para sustentar seu status social.

A obra mostra que os casos de traição de Estela se iniciam antes da chegada da família no casarão vizinho ao cortiço, “Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos.” (Azevedo, 200? p. 5) é devido aos murmúrios dos vizinhos, por assim dizer, que Miranda propõe a mudança de ares disfarçando o fato com a nobreza da mulher, afirmando ser a atual residência muito pouco para ela, Azevedo relata dessa forma a compra do casarão e a polêmica em torno da deslocação da família do centro da cidade:

Comprou-o [o casarão] um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja *de fazendas* por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família, pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade [...] Isto foi o que disse o Mudando aos colegas, porém a verdadeira causa da mudança estava na necessidade, que ele reconhecia urgente, de afastar Dona Estela do alcance dos seus caixeiros. (200? p. 5)

Portanto, fica claro que Estela saciava seu prazer carnal em outros homens e não gostava do seu marido, entretanto, quando Miranda ia a seu quarto, visto que ambos dormiam em cômodos separados, ela sempre cumpria com os seus deveres de “esposa”, Miranda, por sua vez, talvez até gostasse dela, mas, seu ego já estava humilhado pela condição de ser um português pobre e sem importância nas terras que anteriormente pertenciam ao seu país, assim, ele se resigna a aceitar seu casamento fracassado, tratando sua mulher como um negócio, entretanto, vivendo uma relação de amor e ódio mediada muitas vezes por Botelho, um de seus agregados, como comprovado neste pequeno diálogo:

— Uma mulher naquelas condições, dizia ele convicto, representa nada menos que o capital, e um capital em caso nenhum a gente despreza! Agora, você o que devia era nunca chegar-se para ela...

— Ora! explicava o marido. Eu me sirvo dela como quem se serve de uma escarradeira!
(AZEVEDO, 200? p. 15)

E na seguinte afirmação de Dona Estela:

— Você quer saber? afirmava ela, eu bem percebo quanto aquele traste do senhor meu marido me detesta, mas isso tanto se me dá como a primeira camisa que vesti! *Desgraçadamente para nós, mulheres de sociedade, não podemos viver sem esposo, quando somos casadas;* de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele quer não goste! Juro-lhe, porém, que, se consinto que o Miranda se chegue às vezes para mim, é porque entendo que paga mais à pena ceder do que puxar discussão com uma besta daquela ordem!
(AZEVEDO, 200? p. 15, grifo nosso)

Por meio da fala anterior de Dona Estela também podemos comprovar que o fator social se mostra como a razão mais importante para a união do nosso casal, sendo igualmente responsável pela não separação dos mesmos, pois, apesar de existir a possibilidade de divórcio, uma mulher divorciada tendia a ser menosprezada pela

sociedade por não conseguir manter seu casamento, visto esta ser uma obrigação moral atrelado ao feminino, devido ao fato de uma desquitada do mesmo modo como uma moça solteira rica não podia cuidar dos seus bens, ela não representava absolutamente nada sozinha diante do mundo no qual estava fadada a viver.

Tal qual a mulher precisava manter o status de casada diante de todos, Miranda necessitava da companhia dela pelo mesmo carecer de capital econômico para comprar/aumentar posses e construir sua imagem no Brasil republicano que estava se desfazendo aos poucos das amarras portuguesas do qual o personagem descendia.

O FALSO MORALISMO E O DISCURSO DA MORAL

Castanha explica que o conceito de moralidade: “tem sua historicidade e varia de acordo com os princípios e valores de uma determinada época, do grau de participação dos indivíduos na sociedade e da direção política. Hoje ele é usado como sinônimo de ética.”

O falso moralismo de Estela se explica porque ela “se orgulha das suas virtudes e do bom cumprimento dos seus deveres” e expressa no seu particular atos pecaminosos que vão contra a moral cristã, já no caso de Miranda é somente por aceitar as traições, contudo, ele só mantém o relacionamento por conveniência, já que era um português sem nome na sociedade brasileira e o casamento o proporcionou uma ascensão social em conjunto com a obtenção de muitas posses, ou seja, o enriquecimento, como citado por Azevedo (200?):

[...] a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a idéia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver

habitado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa. (p. 5)

Nesse âmbito Miranda, seu marido, não media esforços para conseguir aquilo que queria, casando-se com ela por interesse vivendo num casamento de fachada encobrendo o seu adultério, que poderia a ele apesar de tudo lhe conceder privilégios, e se ligando a ela para permanecer com seu status social.

Além disso, quando Miranda consegue torna-se Barão e enfim consegue sua almejada ascensão, o falso moralismo é evidenciado por meio da “união” da família e o fingimento de Estela perante todo aquele grupo social que já conhecia seus atos, contudo, a respeitavam publicamente. Vejamos o relato escrito por nosso autor sobre a ocasião:

Dona Estela mandou soltar foguetes e queimar bombas ao romper da alvorada. Uma banda de música, em frente à porta do sobrado, tocava desde essa hora. O Barão madrugara com a família; todo de branco, com uma gravata de rendas, brilhantes no peito da camisa, chegava de vez em quando a uma das janelas, ao lado da mulher ou da filha, agradecendo para a rua; e limpava a testa com o lenço; acendia charutos, risonho, feliz, resplandecente. (AZEVEDO, 200? p. 77)

O ponto crucial do enredo dos nossos personagens se dá quando a relação de Miranda e Estela espelha o casamento da filha Zulmirinha com o dono do cortiço João Romão “(...) estava tudo decidido: Zulmira aceitava-o para marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento.” (AZEVEDO, 200? p. 146) para atender aos mesmos interesses matrimoniais e contribuir na formação da sociedade conservadora que está sempre em busca de poder e ascensão social.

CONCLUSÃO

O falso moralismo expresso na figura de Estela se apresenta como uma atitude comumente vista e naturalizada na contemporaneidade, no entanto, no período abordado

no livro (considerando sua publicação em 1890) era taxado como transgressor, indo contra todo e qualquer princípio que a moral e os bons costumes ditados pela parcela conservadora da sociedade costumava limitar, pois, apesar da inserção do contexto de escrita do livro estar situada no início do processo de modernização, as mentalidades conservadoras permaneciam enrijecidas, modificando-se a passos curtos e apesar do meio influenciar, as famílias tendem a se tornar espelhos para os casamentos dos filhos, fazendo estes reproduzirem aqueles mesmos costumes em suas relações sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. UNAMA, [200?] Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000021>. Acesso em 18 de agosto de 2019

CASTANHA, André Paulo. **Moralidade Pública**. Unicamp [s.d.] Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_moralidade_publica.htm Acesso em 16 de agosto de 2019.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. **Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da História**. VI Simpósio Nacional Estado e Poder: cultura. Sergipe, 2010.

OLIVEIRA, Maria Engel de. **ORKUT: O Impacto da Realidade da Infidelidade Virtual**. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da educação, p. 31-45, Pelotas, 01 set. 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Mistérios da “fragilidade humana”: o adultério feminino no Brasil, Séculos XVIII XIX**. Revista Brasileira de História, p. 57-71. São Paulo, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. **In:** NOVAIS, Fernando (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.